

A DANÇA AFRO-BRASILEIRA NA CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NA INTERAÇÃO UNIVERSIDADE E SOCIEDADE

Margarete de Souza Conrado¹

Resumo

O presente artigo aborda a questão da dança afro-brasileira na curricularização da extensão universitária, seus desafios e experiências nos projetos articulados com a matriz do curso de formação de professores em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), a partir dos Núcleos de Iniciação à Docência – NIDs e dos Tópicos Especiais em Educação e Contemporaneidade – TEECs, componentes curriculares que exercitam a docência no ensino superior e podem ser considerados como meios potencializadores na qualificação profissional dos futuros pedagogos e pedagogas. Nesse sentido, a questão central está em saber como a dança afro-brasileira pode viabilizar aspectos formativos para a qualificação docente dos futuros pedagogos. O objetivo deste estudo foi apresentar pistas de pertencimento ancestral na dança afro-brasileira como via privilegiada para uma educação antirracista na formação de professores, tendo como instrumentos mobilizadores os NIDs e os TEECs. A metodologia do estudo trouxe o método bibliográfico e colaborativo com abordagem qualitativa, de âmbito descritivo num rigor outro que caracteriza as pesquisas dessa natureza. Os resultados indicam pistas de desdobramentos de ações na curricularização da extensão que possam viabilizar uma amplitude de possibilidades de articulações acadêmicas em benefício da formação continuada de graduandos, tendo em vista a Educação Antirracista na docência.

Palavras-chaves: Dança afro-brasileira, Curricularização da extensão, Experiências formativas, Educação Antirracista na Docência.

1. Introdução

A dança sem dúvida é um meio para transformação do indivíduo, ela acompanha os processos evolutivos da humanidade como um espelho do sensível no corpo. Nossos ancestrais utilizavam a dança para reverenciar os acontecimentos no tempo e no espaço como pistas de pertencimento e identidade.

O presente estudo teve como objetivo geral: apresentar pistas de pertencimento ancestral na dança afro-brasileira como via privilegiada para uma educação Antirracista na formação de professores da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), tendo como instrumentos mobilizadores os Núcleos de Iniciação à Docência (NIDs) e os Tópicos Especiais em Educação e Contemporaneidade (TEEC). A problemática buscou saber como a dança afro-brasileira pode viabilizar aspectos formativos na qualificação docente

¹ Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Dança pela Escola de Dança da UFBA. Docente efetiva no Curso de Pedagogia do Departamento de Educação da UNEB – Área de Artes. E-mail: mconrado@uneb.br



dos futuros pedagogos. Os resultados foram alcançados a partir dos seguintes objetivos específicos: 1) Apresentar a dança afro-brasileira enquanto instrumento para uma Educação Antirracista dentro e fora do contexto escolar, tendo como gatilho o olhar sobre o corpo. 2) Contextualizar a curricularização da extensão no âmbito acadêmico científico da universidade; 3) Descrever experiências formativas de curricularização da extensão universitária com a dança afrobrasileira nos projetos dos NIDs e TEEC da UNEB.

A Dança Afrobrasileira é uma manifestação cultural de resistência de povos de etnias entrecruzadas² que sofreram opressões e violências no período colonial de escravização, principalmente os corpos negros e indígenas, e seus descendentes. E que a partir de estratégias inteligíveis fizeram permanecer sua arte, beleza, culturas e danças até hoje. É com base nesses fundamentos civilizatórios de matrizes ancestrais que é destacado aspectos importantes nas manifestações culturais afro-brasileiras como: a força, a perspicácia, a união, a cooperação, a emancipação, a totalidade, dentre outros.

Assim, o estudo se justifica pela necessidade de fazer desses princípios e valores civilizatórios ancestrais aspectos que venham contribuir na formação do graduando do curso de pedagogia da UNEB, a partir dos componentes da curricularização da extensão que tiveram a dança afro-brasileira como via para uma educação antirracista, nas experiências dos NIDs, e dos TEEC.

A curricularização da extensão nas universidades brasileiras tem sido um desafio desde 1960 quando as atividades de extensão tomam corpo nas universidades no sentido de assumir o compromisso com a sociedade, o qual ganhou força com o movimento da União Nacional dos Estudantes (UNE). Após a ditadura militar ocorre a Reforma Universitária de 1968 (Lei 5.540/68), que legitima as ações da universidade voltadas também para as comunidades, “sob a forma de cursos e serviços especiais, as atividades de ensino e os resultados da pesquisa que lhe são inerentes” (Artigo 20). (GADOTTI, 2017, p.1-2). Conforme Simone Imperatore (2019, p.158),

Numa breve retrospectiva, a extensão conformou-se como missão religiosa e ou de incumbência do compromisso social da universidade; subordinou-se às políticas do Estado; configurou-se como um processo de mudança social, por vezes por meio da difusão, por vezes mediante a imposição/invasão cultural; limitou-se ao assistencialismo e ao voluntarismo; subverteu-se à venda de serviços e à captação de recursos; segregou-se como prestação de serviços sociais e, na atualidade, ressignifica-se [...]

² Etnias entrecruzadas se refere a mistura de povos e culturas diversas que resultaram em um caldeirão multicultural como a formação do povo brasileiro.



Esse processo histórico da extensão universitária destaca uma luta política para firmar seu lugar como um dos alicerces no Ensino Superior. Nos chama atenção, corpos que ainda reproduzem uma disposição enraizada num imaginário coletivo de submissão e colonialismo, a qual temos por função desconstruí-la. É por essas e outras questões que foi observada a necessidade de iniciar os componentes ligados a curricularização da extensão falando sobre Corpo na Universidade, principalmente por considerar a relação desse corpo com o compromisso de trabalhar na formação de outros corpos em desenvolvimento e de também aprender com eles.

2. Metodologia

A metodologia do estudo fez uso do método bibliográfico e participante (Brandão, 2016) com abordagem qualitativa, de âmbito descritivo e um rigor outro que caracterizam as pesquisas dessa natureza, aplicadas durante as vivências com discentes do curso de pedagogia nos projetos dos NIDs e TEEC da UNEB, no período do semestre letivo de 2024.2 a 2025.1. As pesquisas qualitativas conforme Macedo, Pimentel e Galeffi (2009), traduzem um rigor outro por estarem entrelaçadas as subjetividades e intersubjetividades que compõem o cenário da pesquisa. Foram utilizados os estudos sobre dança Afro-brasileira com base em Amélia Conrado (2023) e Inacyra Falcão (2002). Para a Curricularização da extensão universitária, os estudos de Moacir Gadotti (2017) e Simone Imperatore e Valdir Pedde (2017, 2019). Sobre Educação e Educação Antirracista apresento, respectivamente, Freire (1987 e 2011) e Djamila Ribeiro (2019), dentre outros autores. *O Lócus* de Pesquisa se deu no Departamento de Educação do Campus I - Salvador/UNEB; na ODEART, uma ONG sem fins lucrativos localizada na região metropolitana de Salvador no bairro do Cabula, e na Universidade Aberta da Terceira Idade – UATI – UNEB Salvador – BA.

- A pesquisa contou com 22 discentes do curso de pedagogia nos projetos dos NIDs e TEEC, no período de 2024.2 a 2025.1.
- Como instrumentos de pesquisa foram utilizados os registros fotográficos, audiovisuais, textos, oficinas de dança afrobrasileira e de confecção de instrumentos musicais com materiais alternativos. Além da avaliação dos componentes curriculares do curso, solicitada aos graduandos por escrito.
- A análise e discussão dos dados foram feitas mediante as pistas de ancestralidade observadas no decorrer das vivências e a partir dos depoimentos dos graduandos participantes do projeto.

Narrar as experiências desses projetos voltados para a curricularização da extensão na Universidade foi desafiador, sendo necessário compreender como essa curricularização acontece de fato. Simone Imperatore (2019, p. 153) define curricularizar a extensão como:



[...] um processo de aprendizagem que transcenda a mera transferência de conteúdos (ensino) e se reconfigure em conhecimento para transformar, quer seja uma epistemologia crítico-dialética conexa a aprendizagens experienciais. Pressupõe, portanto, transcender o ato educativo a contextos, conflitos e demandas reais que afiancem a interlocução dialógica universidade/comunidade a partir do entrelaçamento de processos teóricos e práticos forjados na e pela práxis.

As propostas estavam alinhadas com o perfil da Universidade, que é o da emancipação e protagonismo do graduando no decorrer do processo formativo visando o enfrentamento dos desafios e das expectativas, principalmente quando o conteúdo é a dança num curso de formação de professores, em que a maioria afirma “não saber dançar”. Sendo consideradas nesse percurso de formação acadêmica para além das técnicas de dança, do certo ou errado, as interações e trocas com a comunidade. A professora Inacyra Falcão (2002, p.88) ao se referir a dança afro-brasileira na formação do aluno, considera que:

O aluno consegue, a partir da referência de tradições afro-brasileiras, refletir e rever conceitos sobre a dança na sociedade; desmistificar conceitos relacionados com a tradição cultural brasileira; restaurar a autoestima; reconhecer os fragmentos perceptíveis que caracterizam uma dança e redescobrir gestos esquecidos na sociedade contemporânea, mas vivos na memória humana.

Para efetivação das propostas, foram apresentados projetos de extensão articulados com a função interdisciplinar, interprofissional e que culminaram em ações envolvendo a relação Universidade x Sociedade.

O Projeto JOGOS COOPERATIVOS, DANÇAS E BRINCADEIRAS AFRO-INDÍGENAS NA FORMAÇÃO DOCENTE, vinculado ao Núcleo de Iniciação à Docência (NID I) teve como objetivo apresentar o lúdico como espaço-tempo de vivência do jogo, das danças e das brincadeiras, destacando seus fundamentos teóricos e metodológicos relacionados a educação para relação étnico-raciais e a repercussão na formação do humano docente e suas implicações no processo educativo. O projeto teve início com a apresentação da proposta aos graduandos do curso que se inscreveram (escolha) para participarem desse NID.

As graduandas pesquisaram sobre os jogos, danças e brincadeiras africanas e indígenas, e apresentaram os resultados entre si. Para aplicabilidade e exercício da prática docente, fizemos contato com a coordenação da Odeart uma ong que atende crianças, jovens e mulheres em situação de vulnerabilidades da comunidade do Cabula-BA, que aceitou a parceria com a universidade e abraçou a proposta. Tivemos um encontro das graduandas



com a coordenadora da Odeart na sede local de funcionamento das atividades para que, pudessem conhecer o espaço, as crianças e os recursos materiais que poderiam ser utilizados nas oficinas. Após essa visita, as graduandas foram organizadas em duplas para planejarem as oficinas, apresentarem na turma e executarem junto às crianças. Foram sistematizadas as seguintes ações:

1º dia de Oficina – Dinâmica de apresentações, brincadeiras Africanas (Amarelinha africana/Mancala) e indígenas (Cabo-de-guerra/flexa ao alvo);

2º dia de Oficina – Jogos Cooperativos – Contextualização dos jogos cooperativos e as diferenças para o jogo competitivo. Em seguida, as crianças e adolescentes vivenciaram alguns jogos cooperativos (Futebol em duplas, Cadeiras cooperativas);

3º dia de Oficina – Danças Afro-indígenas – Foram trabalhadas as danças Afro com sequências características dos Blocos Afro, além das danças do Côco de roda e do Toré.

Podemos considerar que essa experiência de curricularização da extensão comunga com o FORPROEX (2006, p.46-47) que considera que:

As atividades de extensão devem possibilitar ao(à) estudante “refletir sobre as grandes questões da atualidade e, a partir da experiência e dos conhecimentos produzidos e acumulados, construir uma formação compromissada com a realidade da população brasileira” (FORPROEX, 2006, p. 46-47).

O outro projeto que mobilizou esse estudo foi o “CORPO-FESTA CONTINUA NA TERCEIRA IDADE” que trouxe a preocupação sobre o aumento dos índices de pessoas idosas no país. Considerando que a população mundial e brasileira já apresenta dados tanto da Organização Mundial de Saúde (OMS) quanto do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) que indicam que em 2030, teremos mais pessoas idosas do que jovens atuando na esfera social. Refletir e agir sobre a busca de um envelhecimento ativo, saudável e feliz é uma questão relevante a ser tratada com os graduandos na curricularização da extensão.

Foi possível identificar na problemática desse projeto a relação interdisciplinar entre Artes (Dança Afro-brasileira), Saúde Coletiva (Qualidade de vida da pessoa idosa) e História (contextualização histórica das danças trabalhadas). Além de outros aspectos formativos implícitos no processo que se conectam com o ensino e a pesquisa acadêmica uma vez que o componente curricular ofertado na matriz curricular do curso de Pedagogia está interligado ao componente Tópicos Especiais em Educação e Contemporaneidade (TEEC) na disciplina: **Corpo, ritmo e movimento**, que teve como conteúdos: a elaboração, planejamento, execução e avaliação deste projeto de extensão, vinculado a



Universidade Aberta a Terceira Idade (UATI), cadastrado no sistema de planejamento da universidade e aprovado no Edital ProUATI (016/2025).

O componente Corpo, ritmo e movimento tem como ementa questões relacionadas ao Corpo e suas interfaces, abrindo um leque de possibilidades de trabalhos junto aos graduandos do curso, como as leituras de textos e práticas corporais com dança. Todas essas ações pedagógicas foram realizadas na perspectiva de preparação das graduandas para a atuação docente no projeto com os idosos da UATI. Entendendo essa troca de experiências como uma educação intergeracional ou educação para a vida toda como definida pelo autor Sáez (2002) in Villas-Boas, Oliveira e Montero (2016).

Processos e procedimentos que se apoiam e se legitimam enfatizando a cooperação e interação entre duas ou mais gerações, assegurando a partilha de experiências, conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, com o fim de aumentar os respectivos níveis de autoestima e autorrealização pessoal. O objetivo é mudar e transformar-se na aprendizagem com o outro (Sáez, 2002, p. 104 Apud Villas-Boas, Oliveira, Ramos e Montero, 2016, p.121).

Foi possível pensar que seria viável o projeto com a turma de graduandas com idades entre 20 e 30 anos, e as senhoras da UATI, que tem idades entre 60 e 80 anos, sendo uma troca significativa. Para tanto, discutimos sobre Curricularização da extensão, apresentamos as responsabilidades do docente e dos discentes nesse processo e tratamos sobre a compreensão do “para que a curricularização da extensão na universidade?”. De acordo com o Regimento da UNEB, ela nos informa que:

- **Art. 3º. O processo de Curricularização** através da extensão visa oferecer **ao discente** a oportunidade de:
 - I.** Vivenciar situações reais de seu campo de formação, de modo a ampliar a os conhecimentos teórico-práticos construídos durante o curso;
 - II.** Analisar criticamente as condições observadas em espaços profissionais com base nos conhecimentos adquiridos, propondo soluções para os problemas.
 - III.** Elaborar, executar e avaliar projetos na área específica da sua formação;
 - IV.** Flexibilizar a formação, reconhecendo-a como resultado de diferentes experiências; e, **V.** Discutir e participar de projetos sobre diversidade e diferença.

Os relatos das graduandas sobre essa experiência intergeracional com a dança afro-brasileira para as alunas da terceira idade da UATI geraram pistas interativas de aproximação e troca de conhecimentos. No sentido que vai além da formação docente,



mas que perpassa pela emoção de rememorar a relação com suas avós, de estar diante do corpo envelhecido e ver a disposição desse corpo ainda ativo e alegre, como lição de vida.

3. Referencial Teórico

3.1 O olhar sobre o corpo e a dança afro-brasileira como recurso emancipatório na formação do indivíduo dentro e fora do contexto escolar e universitário

O corpo das danças afro-brasileiras é como um sistema complexo de diálogos em redes de movimentos, afetos, de histórias e memórias, de sentidos e significados, de variações comunicacionais entrelaçadas a elementos das nossas matrizes culturais. De acordo com a professora Amélia Conrado (2023, p.38) em seu artigo “As danças afro-brasileiras como ativismo negro”, ela conceitua as danças afro-brasileiras como:

[...] formas de expressão variadas e encontram-se inseridas no patrimônio corporal brasileiro. Essas manifestações são praticadas, conservadas e disseminadas por uma comunidade constituída por grupos ou indivíduos que se identificam com a herança afro-brasileira e desejam afirmar tal identidade, sendo reconhecidos como cidadãos e cidadãs brasileiros que transmitem seus conhecimentos através de expressões culturais características.

Essa perspectiva na forma de ativismo negro mencionada pela autora para as danças Afro, vêm de um processo de resistência histórica de se fazerem vivas diante das tentativas de invisibilidades, negação ou aniquilação das identidades negras e indígenas. Além disso a autora faz referência também a personalidades negras, dançarinos, manifestações culturais, grupos e agremiações de dança negra que foram perseguidos na época da ditadura e que sofreram o racismo em suas atuações na sociedade brasileira. A exemplo, Amélia Conrado (2023, p.51) cita a bailarina, professora e coreógrafa negra Mercedes Batista, considerada a primeira bailarina negra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro que foi discriminada por ser negra e pobre, mesmo tendo talento e competência para ocupar espaços mais evidenciados no corpo de baile, isso pouco acontecia.

É por essas e outras questões que o olhar sobre corpo se faz necessário. Gedalva da Paz em sua tese de doutorado sobre “O Corpo como matriz de análise cognitiva: Um estudo da memória corporal na arteterapêutica para difusão do conhecimento” (2021), menciona que:

Os grupos hegemônicos atendem uma lógica de manipulação e subserviência que nomeia quem é comandado e quem comanda, retirando a pulsão da vida, da liberdade, da expressão do modo de ser, do livre manifestar dos gestos, da fluidez da criatividade, do



fluxo energético, da vitalidade dos movimentos corpóreos, enfim da beleza da manifestação natural da corporeidade. (Paz, 2021, p.154)

Esse corpo precisa ser “acordado” nas escolas, para que exerça como menciona a autora acima, sua “pulsão de vida”. Freire considera que essa pulsão de vida ou libertação “só faz sentido se os oprimidos buscarem a reconstrução de sua humanidade e realizarem a grande tarefa humanística e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e os opressores” (Freire, 1987, p. 17). Portanto, a escola tem um papel fundamental no processo de desenvolvimento do indivíduo, seja da educação infantil ao Ensino Médio. Uma escola que trabalha na perspectiva da Arte como potencializadora das funções educativas na formação integral do sujeito está interligada aos processos evolutivos da educação contemporânea de religação dos saberes, como afirma Morin (2005), ao entender que para religar o que foi dissociado é importante saber contextualizar.

Porém, como atingir o aluno se ele não se sente parte desse modelo tradicional de escola? Se ele não se identifica e nem se reconhece na escola? Gedalva da Paz (2021) fala sobre a presença/ausência desse corpo na escola, e entende que:

Na escola não tem lugar para escuta de quem é você, negro, gordo, pobre, favelado, LGBTQIA+, deficiente, soropositivo, autista e tantas outras síndromes, doenças e diferenças. Os corpos são diferentes. (PAZ, 2021, p.99)

O corpo precisa ser estimulado para ser autônomo e protagonista de si e de seu percurso na vida, através da arte como a dança, possibilitando a fala de uma forma poética-estética-política. Para desconstruir o racismo impregnado na sociedade brasileira, Djamilia Ribeiro (2019, p.09) entende que:

[...] falar sobre racismo no Brasil é, sobretudo, fazer um debate estrutural. É fundamental trazer a perspectiva histórica e começar pela relação entre escravidão e racismo, mapeando suas consequências. Deve-se pensar como esse sistema vem beneficiando economicamente por toda a história a população branca, ao passo que a negra, tratada como mercadoria, não teve acesso a direitos básicos e a distribuição de riquezas.

Contar essa história desde a educação infantil de forma criativa e lúdica no contexto escolar requer de o professor assumir um compromisso político pedagógico com o trabalho do educar e do cuidar nessa fase da educação básica, desde as interações e brincadeiras que podem ser desenvolvidas a partir da dança, introduzida enquanto Cantigas de roda na escola. Conforme Sabino e Lody (2011, p.48-49),



O círculo, a roda, os movimentos em permanente rotação criam sentimentos e formas de sociabilidade, trazendo experiências coletivas no ato de dançar, de estabelecer contato com o corpo, de sentir uma prática que integra e se unifica na própria coreografia.

A oralidade por meio da observação e da fala que é repassada de pai para filho, se apresenta nas cantigas de roda, na poesia popular, nas danças e na contação de histórias. Outros aspectos como a polirritmia podem ser trabalhados de forma artística e cultural no ensino fundamental que conforme a BNCC, é um ciclo que evidencia a sistematização dos conhecimentos já apreendidos fazendo outras conexões a partir dessas informações.

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação (BNCC, 2024).

A cooperação é um princípio das danças de matrizes afro-indígenas, e se constitui com a mesma natureza do fundamento africano *Ubuntu*, que significa “eu sou porque nós somos”, esses valores civilizatórios podem ser aprendidos a partir das danças afro-brasileiras. Danças como o samba de roda, as cirandas, a capoeira e o Maracatu podem ser ferramentas pedagógicas interessantes de pesquisa histórica, movimentos e interação social a ser realizada numa turma do ensino fundamental, evidenciando a presença do corpo afrodescendente no espaço e no tempo. O que coloca em prática a aplicação das leis 10.639/03 e 11.645/08, que obrigam o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas do país.

No Ensino Médio a dança afro-brasileira pode viabilizar o exercício de contextos e práticas diversas, além de trazer os elementos da linguagem com laboratórios de criação. Na Universidade que tem como princípio a integração ensino, pesquisa e extensão na perspectiva de uma formação em que o graduando seja o protagonista de seu percurso acadêmico, lidando com as questões contemporâneas de forma interdisciplinar e articulada, a dança pode qualificar profissionalmente os futuros professores no sentido de trabalhar a postura diante da turma de alunos, a fala, a expressividade corporal de forma geral. Tardif (2002, p.16), considera que os saberes docentes são adquiridos mediante vários aspectos relacionais da vida individual e coletiva que implicam nas relações:

[...] da família, da escola que o formou, da cultura pessoal, da universidade, provêm dos pares, dos cursos da formação continuada; é plural, heterogêneo, é temporal pois se constrói durante a vida e o decurso da carreira, portanto, é personalizado, situado.



Assim, a matriz curricular do curso de Pedagogia da UNEB vem se adequando as novas exigências do Plano Nacional de Educação (PNE) de 2001-2010 que estabeleceu inicialmente como Objetivo/meta 23, a implantação do programa de desenvolvimento da extensão no ensino superior, confirmando ao aluno a garantia de “no mínimo 10% do total de créditos exigidos para a graduação no ensino superior no País”. De acordo com (Tommasino; Rodríguez, 2011) Apud Imperatore (2019, p.153) são muitos ainda os desafios a serem enfrentados para curricularização da extensão na universidade:

Um dos desafios centrais é que a extensão integre o ato educativo de todas as práticas dos estudantes e docentes da Universidade. Esse desafio exige um processo de institucionalização da extensão em relação a outras funções da universidade, que se opõe a curricularizar apenas certas experiências particulares e dar créditos (Tommasino; Rodríguez, 2011).

Para compreensão de como foi esse processo de formalização das ações de extensão na Universidade, irei apresentar a seguir alguns dados dessas experiências dos projetos a partir dos depoimentos dos alunos.

4 Resultados e Discussões

Os projetos NID e TEEC realizados na universidade apresentados aqui como proposta de curricularização da extensão podem servir de exemplo no enfrentamento dos desafios para um currículo que atenda às necessidades da sociedade e que entenda a curricularização da extensão:

[...] para além de novos arranjos didático-metodológicos, a discussão é epistemológica, com vistas à construção de projetos sistêmicos, coesos e coerentes que deem conta das novas linguagens, imagens, lógicas, conceitos, experiências intersubjetivas, habilidades e competências cognitivas – convergência dos saberes necessária à institucionalização de uma nova mentalidade pedagógica, necessária ao atendimento das exigências da sociedade. (Imperatore e Pedde, 2017, p.08)

A experiência dos projetos de curricularização da extensão com a dança afro-brasileira apresentou a partir das graduandas pistas em suas performances e atuações na docência que envolveram histórias de vida, memórias, pesquisas, poemas, desenhos e dança. Ao final dos projetos, dialogamos sobre o que foi feito, e no coletivo ficou evidenciada a necessidade desse tipo de trabalho num curso de formação de professores. Segue outros resultados a partir dos depoimentos das graduandas do curso:



“Sobre a travessia que venho realizando como estudante de pedagogia, especialmente nos campos práticos da educação, da diversidade e da presença dissidente no espaço escolar, sinto que essa escrita acolhe o que vivo: ela reconhece que minha existência enquanto travesti na docência não é só uma experiência pessoal, mas também um gesto político e pedagógico. É muito importante ver meus repertórios, vivências e modos de ensinar sendo legitimados no corpo de um texto acadêmico. Isso fortalece uma pedagogia encarnada, viva, situada, que reflete o “eu-pessoa”, como também a coletividade que carrego comigo”. (NID - Graduanda do Curso de Pedagogia, 2024.2)

Como docente desses componentes que exercitam a docência em realidades diversas, considero que estamos caminhando a passos lentos, mas seguindo na perspectiva de novos arranjos no Ensino Superior, com mais sentido e significado, que coadunam com as pistas encontradas de pertencimento e memória ancestral, tendo em vista a transformação social tanto dos graduandos quanto dos participantes envolvidos nos dois projetos.

“A experiência com a UATI foi profunda e transformadora. O contato com as pessoas idosas, durante as oficinas e os momentos de convivência me proporcionou escuta, afeto e reflexões sobre o envelhecimento e sobre minha própria vida. Em uma das reuniões, compartilhei como essa vivência me fez pensar em como desejo envelhecer, e na relação com minha mãe e minha avó. Refleti sobre como gostaria que elas tivessem acesso a espaços como esse, sobretudo minha avó – mulher preta, periférica, com 95 anos, que atravessou inúmeras dores. A alegria e o afeto que vi nas idosas da UATI me emocionaram profundamente”. (TEEC - Graduanda do Curso de Pedagogia, 2025.1)

Esses espaços sociais de trocas e interações viabilizaram a curricularização da extensão universitária a partir dos projetos aqui apresentados e que caminham enfrentando seus desafios e contornando arestas para sua efetivação, com vistas a qualificação da prática docente das futuras professoras em formação.

“Mas o ponto alto da disciplina, sem dúvida, foi a vivência com as senhoras da UATI. Desde o primeiro encontro com as senhoras, senti algo diferente. Havia ali uma energia que só o tempo e a sabedoria de vida podem oferecer. Mulheres cheias de histórias, de coragem, de vontade de viver. Ao conhecê-las, entendi que a extensão universitária não é apenas um requisito acadêmico, mas uma ponte poderosa entre o saber formal e a vida real. A escolha dos ritmos [...] veio da ideia de unir expressão corporal, autoestima e alegria. Queríamos oferecer algo leve, acessível, que as conectassem com suas próprias memórias e desejos” (TEEC - Graduanda do Curso de Pedagogia, 2025.1)

Para além da “Extensão como inovação curricular, estratégia de transformação social e da própria universidade” (Imperatore, 2019, p.168), a experiência do projeto com os



idosos da UATI parece ter “mexido” na emoção da graduanda que aponta reflexões sobre seus modos de vida e do olhar sobre o envelhecimento.

Nessa perspectiva, a extensão universitária, especificamente no que se refere aos projetos aqui apresentados e vinculados a curricularização da extensão, traduzem reflexos de uma universidade pública, gratuita, democrática, inclusiva e autônoma a qual a UNEB se define e se organiza em seus regimentos e ações para a sociedade.

5 Considerações Finais

Os projetos de curricularização da extensão universitária com a dança afro-brasileira caminham para se constituir como aportes estruturantes de um novo olhar do Pedagogo na sociedade, um humano docente que trabalha na perspectiva de sua autoestima, emancipação e autorealização. Sabendo dos desafios enfrentados de diversas ordens na operacionalização desses projetos, mas que são superados pela vivência com o corpo que fala de pertencimentos e identidades, livre de opressões sociais.

6 Referências

- Base Nacional Comum Curricular – BNCC, 2024.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues.; STRECK, Danilo Romeu. (Orgs.) **Pesquisa Participante**. A partilha do saber. – Aparecida – SP; Ideias e Letras, 2016.
- CONRADO, Amélia Vitória de Souza. As danças afro-brasileiras como ativismo negro. In. **Dançando Bahia: ensaios sobre dança afro-brasileira, educação, memória e raça**. Org. SUAREZ, Lucia. CONRADO, Amélia. DANIEL, Yvonne. Salvador: EDUFBA, 2023.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.
- GADOTTI, Moacir. **Extensão Universitária: Pra quê?** Revista 2017.
- IMPERATORE, Simone Loureiro Brum. **Curricularização da extensão: experiência da articulação extensão-pesquisa-ensino-extensão como potencializadora da produção e aplicação de conhecimentos em contextos reais**. - Rio de Janeiro: Gramma, 2019.
- IMPERATORE, Simone L. B. PEDDE, Valdir. “Curricularização” da extensão universitária no Brasil: questões estruturais e conjunturais de uma política pública. 2017.
- LODY, Raul. SABINO, Jorge. **Danças de matriz-africana: antropologia do movimento**. Rio de janeiro: Pallas, 2011.
- MACEDO, Roberto S. GALEFFI, Dante. PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa**. Salvador, EDUFBA, 2009.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução do francês: Eliene Lisboa – Porto Alegre: Ed. Sulina, 2005.
- PAZ, Gedalva Neres da. **Corpo como matriz de análise cognitivo: estudo da memória corporal na arteterapêutica para difusão do conhecimento**. Tese de Doutorado – Universidade Federal da Bahia – Programa de Pós-graduação Multi-institucional em Difusão do Conhecimento, Salvador, 2021.



RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Inaicyra Falcão dos. **Corpo e ancestralidade**: uma proposta pluricultural de dança-arte-educação. Salvador: EDUFBA, 2002.

SOLER, Reinaldo. **Brincando e aprendendo com os jogos cooperativos**. Rio de Janeiro: Sprint, 2008.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis RJ Vozes, 2002.

VILLAS-BOAS, Susana. OLIVEIRA, A. RAMOS, N. MONTERO, I. A educação intergeracional no quadro da educação ao longo da vida – Desafios intergeracionais, sociais e pedagógicos. Revista Investigar em Educação. IIª Série, Número 5, 2016.

